



## O SOBRENOME DO PAI – REFLEXÕES SOBRE FALO-LOGO-CENTRISMO

Carla Rodrigues<sup>1</sup>

Seria possível afirmar que o pensamento da desconstrução é um pensamento da desconstrução do fono-falo-logo-centrismo. Por esse caminho, todo texto sobre o pensamento da desconstrução seria um texto *sobre* o fono-falo-logocentrismo, e deve considerar a estrutura inevitavelmente falocêntrica de todo discurso sobre algo. Portanto, trata-se aqui de um “duplo trabalho”, expressão que tomo de Derrida para tentar dar conta do desafio de escrever sobre aquilo que determina todo discurso como violento. Sem poder pretender me apropriar do “sentido” do fono-falo-logo-centrismo no pensamento de Derrida, e sabendo que esse tema *se dissemina* duplamente – por toda obra de Derrida e por todo esse trabalho –, vou apresentar aqui uma breve leitura de *A Farmácia de Platão* e das páginas iniciais de *Mal de Arquivo*.

### *Theuth e Thamous*

Será em *A Farmácia de Platão* que principalmente Derrida mostra a estreita solidariedade entre a ereção do *logos* paterno – do rei, do pai, da lei – com o *phallus*. O *logos* como sinônimo de sentido, dado pelo caráter revelador de verdade, vai ganhar, pela leitura que Derrida faz do *Fedro*, um pai:

Não que o *logos* seja o pai. Mas a origem do *logos* é seu pai. Dir-se-ia, por anacronia, que o “sujeito falante” é o pai de sua fala. [...] O *logos* é um filho, então, e um filho que se destruiria sem a presença, sem a assistência presente de um pai. De seu pai que responde por ele. Sem seu pai ele é apenas, precisamente, uma escritura (DERRIDA, 1997, p. 22, grifos do autor).

Nessas poucas linhas Derrida condensa pelo menos três questões importantes: 1) toda fala tem um pai; 2) todo discurso é o discurso de alguém que está presente; 3) sem o pai, o discurso é apenas uma escritura.

Antes de discutir cada um desses pontos, vou recuperar a passagem do *Fedro* a que Derrida está se referindo. No segundo capítulo, intitulado “O pai do logos”, Derrida recupera o momento em que Sócrates retoma o anúncio que Theuth faz da escrita, apresentada ao rei Thamous como um *phármakon* para a memória. Derrida anuncia que vai optar por usar a palavra grega *phármakon* em

---

<sup>1</sup> É professora agregada do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio e professora do curso de pós-graduação stricto sensu “Filosofias da diferença”, também na PUC-Rio. Mestre e doutoranda em Filosofia (PUC-Rio), é pesquisadora do Núcleo de Estudos sobre Ética e Desconstrução (PUC-Rio) e do Khôra – Laboratório de Filosofias da Alteridade (UFRJ). É autora, entre outros, de “Coreografias do feminino” (Editora Mulheres, 2009). carla@puc-rio.br .



vez de suas traduções mais comuns, como remédio, veneno, droga, e sua decisão está ligada ao fato de que todas as traduções ignoram ou eliminam o caráter ambíguo da palavra (DERRIDA, 1997, p. 15). Derrida quer, com isso, recuperar o que considera ser um dos objetivos de Platão ao apresentar a escritura como *phármakon*: mostrar que não há remédio inofensivo e que o *phármakon* não poderia ser simplesmente maléfico ou benéfico. Segundo Derrida, o uso do mesmo significante *phármakon* tanto por Theuth quanto pelo rei Thamous, cada um atribuindo um significado diferente e oposto à palavra, foi um problema eliminado nas traduções e nos impede de pensar no *phármakon* como o que “participa ao mesmo tempo do bem e do mal, do agradável e do desagradável” (DERRIDA, 1997, p. 47).

A escritura é apresentada como *phármakon* (remédio) e recebida como *phármakon* (veneno), sendo então duplamente condenada por Platão: primeiro, por pretender substituir a fala; depois, por abalar a estrutura das distinções fora/dentro, sensível/inteligível, bom/mau, falso/verdadeiro.

Sobre esse aspecto do *phármakon*, recorro à explicação de Niall Lucy:

*Phármakon* é a condição na qual a oposição entre remédio e veneno, bom e mal, fala e escrita é produzida. No movimento e no jogo de ambiguidade da palavra, o *phármakon* vem primeiro, as oposições vêm depois. Por isso, o *phármakon* é a diferença da diferença, é o que deve sempre preceder, sempre vir antes de qualquer diferença opositiva (LUCY, 2004, p. 92).

Outro termo platônico que Derrida vai tomar como exemplo dessa impossibilidade de distinção dentro/fora é *khôra*, que se associará a feminino. Em diálogo com o *Timeu*, de Platão, Derrida vai discutir o que chama de “o embaraço” de *Timeu* diante do fato de que “algumas vezes a *khôra* não parece ser isso nem aquilo, outras simultaneamente isso e aquilo” (DERRIDA, 1995, p. 10). O embaraço viria do fato de que, dentro do texto de Platão, mesmo na mais canônica tradição, as possibilidades de ruptura com a tradição, como diz Derrida, já se apresentam:

Isso pode ser sempre demonstrado (eu tentei fazê-lo, por exemplo, em relação à *khôra*, de *Timeu*), que os motivos mais radicalmente desconstrutivos estão dentro do que se chama de platonismo, cartesianismo e kantismo (DERRIDA, 1992b, p. 53).

A leitura derridiana de *khôra* serviria, assim, a dois propósitos: 1) mostrar que a desconstrução é algo que acontece no interior dos textos; 2) discutir como, mesmo na tradição, aparece essa oscilação que não se dá entre dois pólos, mas entre dois tipos de oscilação – a dupla exclusão, que seria esse jogo do nem/nem e a participação, ou seja, a possibilidade de ser isto e aquilo ao mesmo tempo, como o *pharmakón*. (DERRIDA, 1995, p. 13).

É o que parece estar em jogo no relato de Sócrates, quando *Theuth* apresenta ao rei a escritura, classificada como *phármakon* e rejeitada pelo rei, que diz:



Essa invenção irá gerar esquecimento nas mentes dos que farão o seu aprendizado, visto que deixarão de praticar com sua memória. A confiança que passarão a depositar na escrita, produzida por esses caracteres externos que não fazem parte deles próprios, os desestimulará quanto ao uso de sua própria memória, que lhes é interior. O que descobriste não é uma porção para a memória, mas sim para a evocação; proporcionarás aos teus discípulos a aparência da sabedoria, mas não a verdadeira sabedoria (PLATÃO, 2008, p. 103, 274d).

A escritura é um *phármakon*, um remédio e um veneno para a memória, um suplemento que proporcionaria “aparência” de sabedoria, não a verdadeira sabedoria, que estaria na fala presente, autêntica, legitimada pela presença de quem fala, esse “sujeito-falante” a que Derrida se refere. Ele vai indicar, assim, um esquema que dominará a tradição filosófica, opondo a boa e a má escritura. A boa escritura seria aquela que é viva e natural, é falante, enquanto a má escritura seria artificial, moribunda e muda. Mas principalmente a boa escritura só pode ser definida por oposição à má (DERRIDA, 1997, p. 101).

Derrida vai retomar a questão do pai para explorar esse jogo de oposições entre a boa e a má escritura, entre a escritura verdadeira e a falsa, tal qual aparece na seguinte fala de Sócrates:

E agora, diga-me: o cultivador inteligente, se tem sementes com as quais se preocupa e das quais deseja que frutifiquem, será que com toda a seriedade irá, em pleno verão, semeá-las nos jardins de Adonis pela satisfação de ver esses jardins ganharem um aspecto soberbo ao fim de oito dias? Ou então não seria para se divertir, por causa da festa, que ele procederia desse modo, supondo que lhe ocorresse fazê-lo? Mas antes, se existissem aquelas que lhe interessam, ele disporá a proveito a arte do cultivo para semeá-las no terreno apropriado, e se felicitará sem dúvida se, ao final de oito meses, todas aquelas que semeou atingirem seu termo. Mas o homem que possui a ciência do justo, do belo, aquela do bem, devemos nós afirmar que ele tem menos inteligência que o cultivador, com relação às sementes que são suas? Assim, tu vês, não é com seriedade que ele irá escrever sobre a água essas coisas com tinta, servindo-se de um cálcamo para semear com discursos, que não são apenas incapazes de dar assistência pela fala, mas incapazes de ensinar convenientemente a verdade (PLATÃO, 2008, p. 105, 276 a-c, citado em DERRIDA, 1997, p. 102).

Derrida observa que o *phármakon* é sempre comparado a um líquido – água, tinta, pintura –, um líquido capaz de corromper aquilo por onde se espalha, onde se mistura. “No líquido, os opostos passam mais facilmente um no outro”, lembra Derrida (1997, p. 102). O *phármakon* contaminaria a oposição entre escritura e fala, a primeira classificada como desperdício, como “rastros perdidos, esperma gasto sem reserva”, enquanto a fala seria o elemento capaz de fazer frutificar, de confirmar a potência do *logos*, de um *logos* cuja autoridade está garantida na presença e na paternidade. Quando a escritura é recebida pelo rei como *phármakon*, Sócrates diz a Fedro:

Uma vez que uma palavra escrita haja sido registrada, é arremessada para lá e para cá, de maneira indiscriminada entre os que têm entendimento e entre os que não têm nenhum interesse nela, ignorando ela, ademais, a quem se dirigir e a quem não se dirigir. E quando é maltratada e objeto de um ataque injusto, necessita invariavelmente do apoio de seu pai, já que sozinha carece de capacidade para proteger-se ou prestar socorro a si mesma (PLATÃO, 2008, p. 104, 275e).

Sem a presença de seu pai, a palavra escrita vaga, erma, indiscriminada. Ela não tem valor em si mesma, ela depende do pai para “se proteger”. E de que perigos a palavra escrita precisaria se



proteger? Da incompatibilidade entre o escrito e o verdadeiro, de um desvio, da perda da sua identidade, de uma errância da qual só o pai pode salvar o *logos*.

Gaiatry Spivak é uma autora que me interessa na medida em que ela articula a questão da presença e a crítica ao significado transcendental com a crítica ao falo-logo-centrismo:

A crítica de Jacques Derrida ao falocentrismo pode ser resumida da seguinte forma: o sobrenome do pai [patronymic], apesar de todos os detalhes empíricos da diferença entre gerações, mantém idêntica diante da lei a dinastia do ego transcendental. O sobrenome de um filho refere-se ao pai. A importância irredutível do nome da lei, neste caso, torna bastante claro que a questão não é apenas de apoio psico-social-sexual, mas sim da produção e da consolidação da referência e do significado. O desejo de representar essa descendência é semelhante ao desejo de fazer com que as palavras representem um sentido pleno. Hermenêutico, jurídico, ou linha de descendência, é prerrogativa do falo declarar-se fonte de soberania. Suas causas são também seus efeitos: uma estrutura social – centrada no processo legal e no direito (logocentrismo); estrutura de um argumento centrado na soberania do autoengendramento na determinação de significado (falo-logo-centrismo); uma estrutura do texto centrado sobre o falo como o momento da determinação (falocentrismo) ou significante (SPIVAK, 1997b, p. 44).

Spivak vai trabalhar com a ideia de que o projeto derridiano de crítica ao falo-logo-centrismo é uma denúncia da ideologia da propriedade, da posse, do pensamento que pretende alcançar “a coisa mesma” (SPIVAK, 1997b, p. 61), tarefa que o pensamento da desconstrução – como um pensamento do feminino – entende como uma promessa impossível, a própria *differance*<sup>2</sup>.

Quando Spivak aponta para a ligação entre o nome do pai e a lei, para o falo como fonte de soberania. A escritura vaga, erma, sem identidade ou sentido, por ter pedido seu pai. Derrida ressaltará que a escritura é um filho, mas um filho miserável, desviado, revoltado, perdido, abandonado por seu pai. A escritura seria um órfão que carece de assistência, que precisa de um pai presente que sustentará o seu sentido. “O *logos* vivo é vivo por ter um pai vivo (enquanto o órfão está semimorto), um pai que se mantém *presente, de pé* junto a ele, atrás dele, nele, sustentando-o com sua retidão, assistindo-o pessoalmente e em seu nome próprio”, argumenta Derrida (1997, p. 23, grifos do autor, em que chamo a atenção para o caráter fálico do termo erético *de pé*).

Essa ideia de um discurso vivo vai aparecer também quando Sócrates descreve o *logos* como “um ser constituído, como um ser vivo” (264b-c), que deveria ter cabeça, corpo (“para não ser acéfalo nem desprovido de pés”) e centro. O discurso falado, observa Derrida, deve ser como uma pessoa presente em si mesma. O *logos* seria, assim, um ser vivo “cuja riqueza, vigor, flexibilidade, agilidade são limitados e constrangidos pela rigidez cadavérica do signo escrito” (DERRIDA, 1997, p. 60). A presença viva salvaria o *logos* de ser simulacro de verdade.

---

<sup>2</sup> “E, ao contrário do que a fenomenologia – que é sempre fenomenologia da percepção – tentou nos fazer acreditar, ao contrário do que o nosso desejo não pode deixar de ser tentado a crer, a coisa mesma se esquia sempre”, diz Derrida (1994b, p. 117). O uso da expressão “as coisas mesmas” é uma referência a Husserl e uma discussão sobre o problema da presença. Caputo, no seu comentário a essa passagem de Derrida, explica: “a desconstrução replicará que a coisa mesma, *la chose même*, sempre escapa (*dérobe*), sempre se furta ao jogo de significantes pelo qual a assim chamada coisa real é significada em primeiro lugar (CAPUTO, 2002, p. 29).



Derrida retoma Saussure ao observar que “a estrutura e a história da escritura fonética desempenharam um papel decisivo na determinação da escritura como reduplicação do signo, como signo do signo. Significante do significante fônico” (DERRIDA, 1997, p. 56). Ele estaria se referindo à escritura como aquilo que se coloca no lugar do *logos*, como sintoma de ausência da fala viva, “perigoso suplemento” que traz à tona a ausência que não gostaria de ser jamais denunciada.

Dizer que a denúncia do fono-falo-logocentrismo atravessa todo o pensamento da desconstrução é também indicar que a desconstrução – se é que tal coisa existe – pode ser entendida, como proponho aqui, como abertura ao feminino, como elemento que desestabiliza e abala as certezas da tradição, que abala o discurso do sujeito masculino falante, presente e garantidor de sentido.

### *Os arcontes*

Guardiões dos tratados, das leis, das atas de assembleia, os arcontes eram aqueles que, na Grécia Antiga, cuidavam dos documentos públicos, tomavam conta do arquivo. Para a palavra francesa *archive*, a etimologia registra *arc* como raiz do prefixo *archie*, que indica comando, comandante, e vem do grego *arkhê*, do qual derivam a palavra *arche*, em português arca, sinônimo de cofre; e as palavras *arcano* (segredo) e *arcontes* (comandantes), para as quais a origem grega é *arkhein*. Já o prefixo *archéo*, cuja etimologia também remete a *arc*, refere-se a início, origem, vem do grego *arkhaios*, e se desdobra em *logos* e discurso (DUZAT, 1938). Derrida vai explorar a ligação entre as palavras gregas *arkhê*, *arkhein* e *arkhaios* para propor uma ligação entre arquivo, verdade e falocentrismo. Como explica Derrida,

Inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam. Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político reconhecia-se o direito de fazer ou representar a lei. Levada em conta sua autoridade publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse lugar que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam os documentos oficiais. Os arcontes foram os seus primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos. Depositados sob a guarda desses arcontes, esses documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei. Para serem assim guardados, na jurisdição desse dizer a lei eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização (DERRIDA, 2001a, p. 12-13, grifos do autor).

Que esse poder de guardar pelas leis e interpretá-las tenha estado localizado num lugar – e que portanto obedeça a uma topografia – e também tenha sido originalmente exercido por homens, não é para Derrida um mero acaso. A função de arquivar, de guardar pelas leis, de zelar por elas, é uma função árquica, uma função *patri*-árquica, em que lei e interpretação da lei também obedecem a um pai. É função desse pai consignar – colocar os signos juntos, reuni-los, dar-lhes sentido. O



arquivo deve ter um lugar físico onde estar depositado (ter portanto uma topologia), obedecer a um nome, um dono, um guardião (uma nomologia), e ser passível de unificação, identificação, classificação, que Derrida denomina o poder de consignação, reunião na qual “todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal” (DERRIDA, 2001a, p. 14).

Os poderes que se articulam nas mãos dos arcontes – guardar, interpretar, reunir – são poderes de dar sentido, de dizer a verdade, poderes ligados à autoridade de quem diz, autoridade da qual depende uma garantia de correção do pensamento. Esse ideal de verdade que aparece na Grécia – homens proprietários que detinham a guarda dos arquivos – seria, para Derrida, assentado numa estrutura falocêntrica cuja origem é patriarcal. O ideal de verdade seria, assim, um ideal de apropriação, de tomar posse, de guardar os arquivos, gesto que estaria sempre associado, de forma inevitável, a uma violência fundadora, a uma violência do discurso que se autoestabelece como lei, a uma assinatura, a um fundamento “místico” da autoridade.

Apontar para essa assinatura como um traço de escrita sempre masculino foi uma das tarefas que o pensamento da desconstrução tomou para si. Como diz Carole Dely, “Ele [Derrida] reconheceu que essa grande biblioteca do mundo comporta uma grande maioria de homens masculinos, e poucas mulheres. Sem mesmo procurar uma explicação, ele simplesmente reconheceu isso” (DELY, 2006, p. 4).

Do meu ponto de vista, Dely estaria se referindo a duas questões:

A primeira diz respeito à distinção entre “ter desconstruído o falocentrismo” e “ter apontado para a existência de um falocentrismo”, distinção que fará imensa diferença na tarefa do pensamento da desconstrução. Pensar na desconstrução como um pensamento que “reconheceu” – para usar o verbo de Dely – as estruturas falocêntricas do pensamento é diferente de compreender o pensamento da desconstrução como um método usado “contra” o falocentrismo ou “a favor de um desmonte” do falocentrismo. A autora se refere a uma entrevista de Derrida na qual ele explica essa distinção, quando diz:

Falo sobretudo, há muito tempo, das diferenças sexuais, mais que de uma só diferença – dual e opositiva – que é de fato, com o falocentrismo, com isso que eu nomeei também como “falocentrismo”, um traço estrutural do discurso filosófico que prevaleceu na tradição. A desconstrução passa em primeiro lugar por aí. E tudo volta a isso. Antes de toda a politização feminista (à qual eu me associei, em certas condições), importa reconhecer o poder fundador do falocentrismo que condiciona quase toda nossa herança cultural. Quanto à tradição propriamente filosófica dessa herança falocêntrica, ela é representada, de maneiras diferentes, mas iguais, tanto em Platão como em Freud ou Lacan, tanto em Kant como em Hegel, Heidegger ou Lévinas. Eu me empenhei a demonstrá-lo em todos os casos (DERRIDA, 2004c, p. 349, citado por DELY, 2006, p. 53).

---

<sup>3</sup> Com modificações minhas à tradução brasileira da entrevista de Derrida.



Ou seja, como Dely vai pontuar, mais importante do que a entrada em cena de filósofas mulheres, o legado do pensamento da desconstrução seria o de nos colocar diante do reconhecimento de que estamos todos – homens e mulheres – lidando com uma herança cultural falocêntrica. Dely argumenta que a maior importância do trabalho de Derrida seria a leitura e a releitura de textos e autores da tradição, o que tem permitido “dessedimentar as camadas de nossa herança cultural”:

Por um lado, a desconstrução é um questionamento de toda uma arquitetura do pensamento tradicional: ela analisa as estruturas sedimentadas que formam o elemento discursivo dentro do qual nós pensamos, e aqui notadamente com o objetivo de permitir e de abrir outras possibilidades de discurso, de organização, que em particular não sejam necessariamente sistemáticos no sentido dos sistemas filosóficos, fechados sobre eles mesmos. A desconstrução é uma reflexão sobre o sistema, sobre o fechamento e a abertura do sistema. Assim, o que se pode fazer se, na tradição que apresenta uma certa sistemática de pensamento (por exemplo, na oposição dual entre o homem e a mulher), a política, os livros e a história estão fortemente ancorados numa tendência falocêntrica? (DELY, 2006, p. 6).

A segunda questão que me parece importante pontuar está ligada a uma crítica de Derrida à psicanálise, tema que embora não seja objeto desse trabalho, tem uma inescapável ligação com o tema do falocentrismo. Para aprofundá-lo, cito Derrida:

Os nomes “mulher” ou “homem”, no sentido corrente que suspende sua autoridade entre aspas, continua designando tudo aquilo que comanda o “destino anatômico”. Esse recurso à anatomia domina ainda o “discurso moderno”, quero dizer a psicanálise. Eu tentei demonstrá-lo em outro lugar e não vou fazê-lo novamente aqui. O falocentrismo permanece sendo um androcentrismo, e o falo está aderido ao pênis. Apesar de tantas denegações sutis e sofisticadas, a diferença dita anatômica dos sexos faz a lei, e sua tirania passa ainda por tantos dogmas e ignorâncias! (DERRIDA, 1992b, p. 178).

Muitas teóricas feministas se alinham a essas *posições* de Derrida em relação à psicanálise. Apenas a título de exemplo, cito os trabalhos de Luce Irigaray, Sara Kofman e Drucilla Cornell<sup>4</sup>. É quando Derrida aponta para essa adesão entre falo e pênis que destaco a minha abordagem do tema do falocentrismo. Trata-se, sim, da estrutura do pensamento e de uma herança cultural, tal qual descrito por Dely. Mas é impossível dissociar essa herança da primazia do homem sobre a mulher, da hierarquia não apenas entre os termos masculino/feminino, mas também da estrutura hierárquica de subordinação homem/mulher que marca as estruturas patriarcais.

Dely – e eu a sigo nesse ponto – está se referindo também à ausência das mulheres na tradição de pensamento. Como ela, considero que a desconstrução do falocentrismo oferece possibilidades de uma abertura nas estruturas fechadas do pensamento da tradição, que ocultam e excluem as mulheres – e nesse ponto ela está se referindo à ausência das mulheres na grande tradição de pensamento –, mas que também excluem, acrescento, a abertura ao feminino, aqui entendido como esse constante abalo às estruturas de apropriação da verdade.

---

<sup>4</sup> Ver KOFMAN, 1980, IRIGARAY, 1974; 1977, e CORNELL, 1987, 1992, 1999 e 2005.



O trabalho do pensamento da desconstrução é o de inventar outros nomes, de tentar se colocar *mais além* dessa política, na esperança e no sonho de que qualquer coisa de nova possa vir. Assim, a tarefa da desconstrução do falocentrismo seria a de abrir espaço, e deixar esse espaço aberto para a “entrada do outro, ou mesmo a muitas entradas”. Nas palavras de Dely (2006, p. 14), “partindo da constatação de que a tradição em parte se construiu e se fundou sobre uma exclusão das mulheres e do feminino, ele [Derrida] abre um espaço propício à chegada do outro”. A desconstrução seria, assim, um duplo convite, um convite à entrada da mulher e do feminino no pensamento.

Convites nos quais me coloco como signatária.

### Referências

- DERRIDA, Jacques. DERRIDA, Jacques. *La Dissemination*. Paris : Éditions du Seuil, 1972.
- \_\_\_\_\_. “Voice II – correspondência com Verena Andermatt Conley”. In: \_\_\_\_\_. *Point de Suspension* – Entretiens. Paris: Galilée, 1992d.
- \_\_\_\_\_. *Khôra*. Campinas, SP : Papyrus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A farmácia de Platão*. São Paulo : Iluminuras, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 2001a.
- \_\_\_\_\_. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.
- \_\_\_\_\_. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *Papel-máquina*. São Paulo, Estação Liberdade, 2004c.
- DELY, Carole. *Jacques Derrida : le peut-être d'une venue de l'autre-femme*. Sens public - Revue électronique internationale, 2006. < [http://www.sens-public.org/article.php3?id\\_article=297](http://www.sens-public.org/article.php3?id_article=297) > Última consulta em 28 de março de 2010.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*, volumes I e II. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. “Derrida e a escritura”. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar (Org.). *Às margens da filosofia*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Edições Loyola, 2002.
- LUCY, Niall. *A Derrida Dictionary*. Oxford : Blackwell Publishing, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo : Editora Cultrix, 1995.
- SPIVAK, Gayatri. “Translator’s preface”. In: DERRIDA, Jacques. *Of Grammatology*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997a.
- \_\_\_\_\_. Displacement and the discourse of woman. IN HOLLAND, Nancy. *Feminist interpretations of Jacques Derrida*. Pensilvânia : The Pennsylvania State University Press, 1997b.